
**CONTEXTO FAMILIAR PÓS GESTACIONAL:
A REALIDADE DO CONVÍVIO ÍNTIMO FAMILIAR E OS DESDOBRAMENTOS
PSICOLÓGICOS RESULTANTES DO NASCIMENTO DE UM BEBÊ**

Vanessa Ternoski Dutra¹
Déborah Azenha de Castro²

RESUMO

Este estudo visa contribuir significativamente à compreensão dos aspectos vivenciados pela família em um dos períodos de conjugalidade mais delicados entre o casal, o nascimento dos filhos. Muitos casais não possuem recursos, sejam estes materiais, físicos, emocionais e de maturidade para vivenciar e passar com equilíbrio por esse momento, outros, ainda que “prontos” para a chegada dos filhos, percorrem por inúmeras mudanças e transformações inesperadas e muitas vezes capazes de ocasionar grande desvinculação intrafamiliar e até mesmo o divórcio. A teorização, para respaldo dos resultados encontrados neste projeto de pesquisa, foi dividida em três capítulos norteadores, onde o primeiro tratará de todo o desdobramento vincular, desvincular entre o casal, suas causas recorrentes e o papel único que cada membro possui dentro da família. O segundo aprofundará mais especificamente o momento gestacional e o vivenciar deste, as fases da gestação e seus principais aspectos num período de comparação sócio-histórico. O terceiro, bem mais sucinto, apresentará a criança na necessidade de adaptação, sua dependência inicial e o processo de desenvolvimento e amadurecimento rumo à constituição do “eu”, finalizando, portanto, na mensuração e destaque dos resultados obtidos, da importância de se estruturar a família e o impacto desta para a sociedade como um todo.

Palavras-chave: família; pós-gestação; conjugalidade; sociedade; psicologia.

ABSTRACT

This study aims to significantly contribute to the understanding of the experiences encountered by families during one of the most delicate periods of conjugal life: the birth of children. Many couples lack the resources—whether material, physical, emotional, or maturity—to navigate and balance this moment. Even those who feel "ready" for the arrival of children undergo numerous unexpected changes and transformations that can often lead to significant intrafamilial disconnection and even divorce. The theorization to support the findings of this research project is divided into three guiding chapters. The first chapter will address all aspects of attachment and detachment within the couple, their recurring causes, and the unique role each member plays within the family. The second chapter will delve more specifically into the

¹ Acadêmica de Psicologia Centro Universitário Filadélfia – UniFil. Bacharel em Administração de Empresas e Agronegócios (UENP); Especialista em Gestão Estratégica de Pessoas. MBA em Marketing e Gestão (FAAT); Especialista em Neuropsicologia (FAMEESP). E-mail: ternoski@edu.unifil.br

² Professora orientadora Centro Universitário Filadélfia – UniFil. Mestra em Bioética (São Camilo); Especialista em Bioética (UEL). Psicóloga. E-mail: deborah.castro@unifil.br

gestational period and its experiences, the stages of pregnancy, and its main aspects in a socio-historical comparison. The third chapter, much more succinct, will present the child's need for adaptation, their initial dependency, and the process of development and maturation towards the formation of the "self." This chapter will conclude by measuring and highlighting the results obtained, emphasizing the importance of structuring the family and its impact on society as a whole.

Keywords: family; postpartum; conjugal life; society; psychology.

1 INTRODUÇÃO

A reflexão acerca das mais diversas, e ainda assim similares, dificuldades familiares enfrentadas após o nascimento de um bebê faz-se de extrema importância, haja visto ser a família um dos maiores pilares de um indivíduo no mundo desde os séculos mais primórdios.

Ainda hoje, a inabilidade paterna em proporcionar segurança, auxílio, contexto familiar propício ao desenvolvimento de um novo ser integrante se faz alta, juntamente com a falta de um direcionamento profissional adequado, tanto quanto acessível a estes pais e familiares, cercados de pensamentos impróprios e aversos que os deixam mais confusos que esclarecidos quanto a princípios e valores básicos estruturais.

Tudo isso se dá por diversos fatores como, excesso cultural, inversão de valores, mídia desregrada e outros que levam centenas de famílias a se desintegrarem ou desestabilizarem-se fortemente e a própria falta de estrutura familiar vivenciada um dia por esses que hoje são pais, mas muitas vezes não cresceram em um lar coerente que os tenha direcionado assertivamente ao longo de suas vidas, resulta em um processo reforçador que estabelece a reprodução comportamental como um ciclo vicioso aprendido/ensinado.

Este cenário, porém, se estudado profundamente e bem aplicado, pode vir a transformar e ressignificar o projeto familiar atual, tornando fragilidade em ações ativamente promissoras à reestruturação desse ambiente, promovendo como efeito para a família e toda a sociedade um futuro geracional hábil e veraz.

Assim sendo, este Trabalho de Pesquisa justifica-se por identificar, comparar e apresentar padrões de prazeres e dificuldades enfrentadas pelas famílias após o nascimento de um bebê, independentemente do número de filhos, para assim e por meio destes encontrar, frente à Psicologia, melhores vertentes de amparo à família, buscando a diminuição dos

recorrentes e trágicos eventos familiares que transtornam todos os envolvidos, afetando principal e diretamente a vida da criança que na maioria das vezes, torna-se órfã de pais vivos.

2 CASAL x FAMÍLIA E SEU DESDOBRAMENTO

Para que se entenda o contexto familiar pós-gestacional é necessário perscrutar por caminhos muito anteriores, indagando a realidade vivida, sentida, idealizada por todos os envolvidos no nascimento de uma criança muito antes de ela vir a nascer, na capacidade de enxergar primeiramente um indivíduo, depois um casal, e então, pais, questionando-se quanto ao que os levou a tal modelo de família e o que os mantém.

Visando compreender estes aspectos, é que se apresentará brevemente a história da família e suas respectivas mudanças, sendo da pré-moderna à moderna, que teve início na passagem do século XVIII ao XIX, a partir da perspectiva de transformação histórica apresentada por Ariès e Chartier (1991).

A família pré-moderna, medieval, segundo historiadores sociais, era grande, extensa e diversificada geracionalmente, pois em um mesmo ambiente, conviviam juntas diferentes gerações além do casal com seus filhos, assim como Ariès e Chartier (1991) relatam em sua obra, que a família medieval era mais fluida e menos centrada nos laços conjugais do que as famílias modernas. As relações familiares eram amplas, abrangendo parentes distantes e até mesmo agregados e servos.

As crianças eram vistas como adultos em miniatura, sendo tratadas como tal, desde muito cedo envolvidas em atividades de adulto, inclusive promíscuas, haja visto não haverem separações no ambiente em que se dormia, comia, coitava e outros. O poder e autoridade estavam centrados no chefe da casa, geralmente o pai. Este tinha o controle absoluto sobre os membros de sua casa e obedecê-lo era inquestionável. Aspecto que foi sendo modificado ao longo do tempo e evolução à família moderna que passou a tornar-se departamentalizada e nuclear (Ariès; Chartier, 1991).

Houve uma mudança significativa na compreensão do papel das crianças, passando estas a serem vistas sob uma ótica de maior vulnerabilidade e necessidade de ser amparada pelo afeto, educação e bem-estar na promoção de um ambiente mais seguro e saudável para o crescimento e desenvolvimento destes, diferenciando-se completamente da visão anterior, em

que as crianças, entendidas como mini adultos, viam e vivenciavam experiências impróprias ao seu período de vida sem qualquer tipo de intervenção (Ariès, 1981).

Essa transformação toda, convergiu para a formação da família nuclear, que segundo Talcott Parsons (1951), um dos principais teóricos da sociologia, desempenha papel fundamental na estruturação social da sociedade moderna, sendo composta, segundo ele, predominantemente por um marido, esposa e seus filhos biológicos.

Para Parsons (1951), a família nuclear desempenha basicamente duas importantes funções na sociedade, a saber; afetiva e emocional como primeira função, onde se responsabiliza pela satisfação e suprimento destas em seus membros pertencentes, mediante o propiciamento de um ambiente íntimo, seguro, capaz de favorecer e cultivar as relações emocionais entre marido, esposa e filhos (o núcleo). E a segunda função, instrumental e econômica, onde a família é responsável por prover ao seu núcleo recursos médicos, de alimentação, organização interna e outros que contribuam à reprodução de material e sobrevivência de seus membros.

Winnicott (1997, p. 59) congruentemente ao que foi até aqui exposto, dirá que “o modo pelo qual são organizadas as famílias, demonstra na prática o que é a cultura, assim como uma imagem do rosto é suficiente para retratar o indivíduo. A família nunca deixa de ser importante”.

Bertalanffy (1976 como citado em Motta, 2008) concebe a percepção de família, definindo-a como um sistema constituído de subsistemas que se complementam entre si, um complexo de elementos em interação mútua correspondente.

Nesse sentido, pode-se compreender os subsistemas como componentes da estrutura familiar, onde Minuchin, Colapinto e Minuchin (1999), dirão que existem muitos deles, podendo haver um subsistema a cada relação formada como, por exemplo, o relacionamento paterno, entre pais e filhos, denominado subsistema paternal; entre irmãos, fraternal e conjugal entre os cônjuges, atribuídos sempre de regras e limites implícitos e explícitos, cujos próprios participantes dessa relação estabelecem entre si, funcionando este, como regulador.

Em Jansen (2007), um sujeito pode transitar entre vários desses subsistemas, porém de forma organizada e Miotto (1998) complementarmente dizendo ainda, que existem regras universais reguladoras que estabelecem padrões e estes são mantidos pelas famílias. Continuará explicando que existem também as regras particulares que são levantadas em cada família especificamente, segundo as próprias expectativas dos membros ali envolvidos. Portanto a

família é um contexto de interação multiplamente dinâmico, passível de influências internas a saber dos membros correspondentemente participantes e externas como cultural, institucional, de aspecto ambiental, social e outros.

Cada membro dentro de sua família desempenha papéis e funções hierarquicamente diferenciados que a fazem funcionar ordenadamente, essas diferenças de papéis lhe atribuem aspectos cruciais e intimamente relacionados, a saber: pai, mãe e filho (Pichon-Rivière, 1994).

Minuchin (1982), coloca que essa organização de subsistemas familiar é capaz de fornecer um treinamento valioso no processo de manutenção do “*eu-sou*”, ao mesmo tempo que o exercício de suas mais diversas habilidades desempenhadas neste ambiente, vão, a partir dos processos de adaptação, reestruturando este ser e autenticando sua identidade.

Estas consideráveis colocações trazem à tona o olhar ao aspecto da saúde psicológica da família que para existir necessita, antes, da estabilidade emocional e física individual, para só então, corresponder de modo consideravelmente agregável ao meio social (Winnicott, 1999).

Nesse contexto é que o autor menciona que a saúde não é fácil, pois não é satisfatória a ideia de saúde do indivíduo vista como uma mera ausência de doença psiconeurótica. Diz que “a vida de um indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimentos conflitivos, dúvidas, frustrações, tanto quanto características positivas” (Winnicott, 1999, p.10).

Apresenta a complexidade da constituição individual, logo, familiar, visto que todo ser é pertencente a uma. Enfatiza nesses termos como ponto principal que a pessoa necessita sair da dependência para a independência, autonomia do eu e isso se dá a partir do momento em “que o homem ou a mulher sintam que estão vivendo sua própria vida, assumindo responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou as censuras pelas falhas.” (Winnicott, 1996, p.10).

A partir da observação a tais afirmações de avanço ao alcance individual da autonomia, Winnicott (1997) apresentará o aspecto constituinte de um relacionamento que passou da posição de uma análise individual para de casal, prestes a constituírem-se família com a chegada dos filhos e sobre essas passagens o autor discorrerá dizendo que logo após o casamento, a chegada de filhos pode não ser bem vinda, pois o jovem casal ainda não terá passado pelo estágio em que significam tudo um para o outro, assim, se os filhos chegarem muito cedo, provavelmente causarão tensões entre o casal. Quando estes chegam no momento certo e são saudáveis, até podem ser vistos como o “aborrecimento perfeito”, mas “parece haver algo na

natureza humana que está sempre à espera de um aborrecimento, e é melhor que este seja uma criança do que uma doença ou um desastre ambiental.” (Winnicott, 1997, p.60-61).

Disfunções nas relações conjugais, como dificuldades de comunicação, podem impactar diretamente a saúde, tanto física quanto emocional da criança envolvida em tal ambiente, manifestando sérios problemas que refletirão toda a estrutura da família, causando juntamente, transtorno entre a relação pais e filhos, haja visto, a unidade familiar respeitar o processo interdependente de seus membros (Milanez *et al.*, 2019).

Winnicott (1997) dirá ainda, que a existência e preservação de uma família resultam do relacionamento que existe entre os pais no contexto social em que estão inseridos, sendo que a contribuição que estes dão à sua família é completamente influenciada por esse entorno social. O autor irá postular que todo indivíduo é um ser essencialmente social e necessita conviver em grupo, inclusive familiar, por pior que esta pareça ser.

Irá destacar que a falta de relações familiares afeta gravemente as pessoas e isso se evidencia em casos de refugiados ou filhos ilegítimos privados de vínculo familiar, pois sem a presença de familiares com quem se possa de algum modo expressar sentimentos de amor, ou até mesmo ódio e medo, a pessoa acabará por sofrer uma deficiência emocional significativa, podendo resultar em uma tendência a desconfiar até mesmo de pessoas mais próximas, aparentemente inofensivas (Winnicott, 1997).

A família necessita da maturidade emocional para desempenhar adequadamente seu papel e isso, para Winnicott (1997) e a psicanálise, é considerado sinônimo de saúde. Ele dirá que cada fase apresentará em si mesma um respectivo grau de maturidade, sendo que esta é reconhecida como sadia quando não é atrasada e nem tampouco precoce. Por exemplo: “A criança de dez anos que é saudável é madura para sua idade; o infante sadio de três anos tem a maturidade de um infante de três anos; o adolescente sadio é um adolescente maduro, e não um adulto precoce.” (Winnicott, 1997, p.129), logo, um adulto é sadio quando respectivamente apresenta características próprias da idade, tendo transposto todas as suas fases anteriores de imaturidade.

O autor lança, após tal colocação, o seguinte questionamento: “seria possível ao indivíduo atingir a maturidade emocional fora do contexto familiar?” (Winnicott, 1997, p. 129). E responde, ser justamente a existência da família, responsável por propiciar o aporte necessário para todo processo de amadurecimento do indivíduo rumo à independência, sendo esta, como

uma ampliação do colo materno, o primeiro dentre os vários e cada vez mais amplos círculos que aguardam essa criança.

Distinguir, cada um, o seu papel dentro e fora da família, compreendendo os laços que o formam e a individualidade necessária para uma relação madura e saudável, é imprescindível, e para que se dê “cabe a cada indivíduo empreender a longa jornada que leva do estado de indistinção com a mãe ao estado de ser um indivíduo separado, relacionado à mãe, e ao pai e à mãe enquanto conjunto.” (Winnicott, 1997, p.59-60), tão logo, a criança vivencia mudanças e amadurece à medida em que a família cresce e enfrenta seus desafios (Winnicott, 1997).

O papel do homem se faz de extrema importância na constituição dessa família e principalmente na vida da criança enquanto pai e diante disso, Costa (1997) apresentará três funções primárias à posição paterna a saber, a de proporcionar proteção à mãe no período da gestação e pós-gestação; auxiliar, proporcionando a separação na relação mãe/criança, representado na figura da lei que aponta à criança o princípio da realidade e ainda promover mediante o vínculo, recursos a essa criança, tornando-se modelo de identificação para o filho e um parceiro para a filha, fazendo com que estes desenvolvam habilidades de diferenciação intergeracionais.

Dirá ainda que é justamente o pai, essa figura paterna, que virá proporcionar as condições ideais, tanto quanto necessárias para o nascimento psicológico da criança, embora a mãe tenha sido responsável por gerar, pelo nascer biológico desse ser (Costa, 1997).

Tudo vai moldando essa criança, futuro adulto, de alguma forma, tornando-a quem realmente é, sejam as desavenças, tempestades, alegrias e/ou harmonia familiar. Este convívio é de extremo valor e importância para a constituição do ser humano como tal, pois este é em essência um ser social (Winnicott, 1997).

3 CONTEXTUALIZANDO A GESTAÇÃO EM SEU ASPECTO INDIVIDUAL, CONJUGAL E FAMILIAR

Para adentrar propriamente no aspecto gestacional é importante, antes, apresentar “três períodos de transição biologicamente determinados, caracterizados por mudanças metabólicas complexas, estado temporário de equilíbrio instável” que segundo Maldonado (1991, p.19) são igualmente críticos na vida da mulher, contudo, constituem seu ciclo existencial, possuindo diversos pontos em comum e a grande “necessidade de novas adaptações, reajustamentos

interpessoais e intrapsíquicos e mudanças de identidade” (Maldonado, 1991, p.19), a saber a adolescência que representa uma fase de transição entre a infância e a idade adulta; a gravidez representando outra grande fase de transição carregada de mudanças e transformação psicológica, física, emocional e o climatério que resulta do último período menstrual, transacionando novamente a mulher a um novo significativo período de sua vida, onde essa deixa sua fase, até então, reprodutiva advindo a menopausa.

Costa *et al.* (2010), pontuará que durante o desenvolvimento da gestação, conforme este vai se dando, profundas alterações fisiológicas, orgânicas e também psicológicas vão acontecendo mutuamente, impactando a vida social, psíquica e física desta mulher, vindo a repercutir em toda a família, sendo considerado um período extremamente crítico muitas vezes.

Dirá que afeta o físico no sentido de irem-se percebendo modificações, maiores alterações no corpo, como um alto ganho de peso, aumento das mamas, do abdome, inchaços, fadiga e inclusive desajuste hormonal, causando significativo impacto no psiquismo dessa mulher que agora enfrentará alterações de humor mais frequentes, alguns abalos emocionais que consequentemente repercutirão em todos os que estão de certa forma mais próximos. Aspectos, estes, muito variados e particulares de cada mulher. (Costa *et al.*, 2010).

Piccinini *et al.* (2008) constatou em sua pesquisa, mediante relatos, que os sentimentos das gestantes iam sendo intensificados no período da gravidez à medida em que as modificações aconteciam, sendo percebido pelas gestantes, tanto um sentimento de satisfação quanto de inadequação, contudo haviam também mulheres que percebiam ser um período realmente diferente, mas nada fora do esperado, expressando assim, conformidade ao seu período gestacional.

A gravidez faz parte do processo natural de desenvolvimento de um casal e da família como um todo, mas principalmente da mulher. Sobre esse processo, Maldonado (1991) falará da transição que ocorre ao longo da gestação, dos papéis que vão sendo alterados à medida em que tudo vai acontecendo, do olhar dessa mulher para si mesma, para o que gera e para seu entorno, tanto quanto a forma de ser olhada. Discorrerá sobre a mudança de identidade decorrente da fase, a nova definição de papéis dessa, que passa de filha à mãe, sendo que, ainda que primípara ou multípara a mudança certamente ocorre e continua a se dar ao longo do processo, pois independentemente do número de filhos “toda a composição da rede de intercomunicação familiar se altera” (Maldonado, 1991, p.22).

A autora cita ainda que “evidentemente, o mesmo processo de mudança de identidade e de papel se verifica no homem e também a paternidade deve ser considerada como uma transição no desenvolvimento emocional do homem” (Maldonado, 1991, p.22).

E vai além quando apresenta a possibilidade de um certo embate conflitivo entre o próprio casal nesta nova definição de papéis, ainda em fase de descoberta e transformação, onde alguns dos aspectos de criação que estes tiveram na relação com sua família emergem e podem acentuar pontos emocionais que muitas vezes não foram adequadamente elaborados interiormente, vindo a resultar em comportamentos onde “a mulher ou o homem podem querer ser melhores do que os próprios pais, ou se sentem incapazes de competir com eles ou encaram o bebê como um irmão mais novo rivalizando pelo afeto do pai ou da mãe” (Maldonado, 1991, p.22).

As mudanças durante a gestação vão se dando e direcionando este casal a rumos diferentes dos habituais, pois antes o que representava investimento mútuo, de um para com o outro, começa agora a ser investido no bebê e essa nova realidade passa a reconfigurar o enfoque emocional, afetivo, exigindo adaptações e uma reorganização de papéis e necessidades, pois um novo membro precisa ser incluído a este núcleo familiar (Brazelton; Cramer, 1992).

Maldonado (1991) em um trecho de sua obra, discorrerá sobre alguns aspectos interessantes do processo gestacional que tendem a impactar completamente a vida do casal, mostrando que a gravidez pode ter efeito duplo sobre o casamento e vir de modo a integrar, fortalecer o relacionamento e o casal em si, tornando-os mais unidos, alinhados, fortes, como pode também atenuar o relacionamento, evidenciando problemas individuais não resolvidos emocionalmente, agora emergidos para o relacionamento a dois como um problema, uma ameaça que pode desestabilizar a relação, até então frágil ou neuroticamente equilibrada.

Se dirá também que a gravidez pode trazer consigo muitos desajustes entre o casal que percorre esta fase e sobre estes constatou-se um número de separações cada vez mais expressivo ocorrendo logo após o nascimento do primeiro filho (Carter; McGoldrick, 2001).

A chegada de um terceiro membro, a saber, o primeiro filho, transaciona esta até então díade – homem-mulher, tornando-os agora, juntos, núcleo familiar. Então é que uma situação mais delicada e crítica se inicia, seja do ponto de vista individual enquanto casal, pois a nova fase requer destes, também uma nova ótica e modelo de atuação adaptativos dos quais nem sempre estão preparados para enfrentar, culminando em turbulência conjugal de impacto

familiar, onde o novo integrante necessita se adaptar e configura-se como a terceira vértice deste triângulo (Neder; Quayle, 1996 como citado em Féres-Carneiro, 1996).

Esse terceiro, o filho(a), transforma com a sua chegada o período da conjugalidade, relação dual entre marido e mulher até então conhecida e praticada, em parentalidade, onde estes adentram um novo contexto relacional, agora de pais e filhos, que se bem ajustado, provoca satisfação, definida por Hendrick (1981) como um tipo de sentimento subjetivo entre os parceiros.

Sears *et al.* (1988) dirão que essa subjetividade relacional diz respeito a avaliação comparativa que o indivíduo faz da qualidade de sua situação atual frente a suas experiências passadas, estabelecendo para si internamente um certo padrão de reconhecimento do que lhe é bom ou ruim, logo satisfatório ou não; por isso, dá-se a subjetividade do indivíduo nesses termos.

Enquanto a saúde é representada por Winnicott (1999) como um assumir de responsabilidades do homem e da mulher por suas ações, cujas consequências destas são compreendidas, seja mediante aplausos no sucesso ou censuras pelas falhas, sendo este um ponto de maturação do indivíduo, caracterizando-o finalmente como um ser autônomo, para Maldonado (1991) o relacionamento saudável entre estes, agora pais, quanto à característica da gravidez como transição, está no “fato de apresentar uma possibilidade de atingir novos níveis de integração, amadurecimento e expansão da personalidade ou de adotar uma solução patológica que predominará na relação com a criança” (Maldonado, 1991, p.23) sendo que: “uma relação saudável implica, em termos gerais, em perceber e satisfazer adequadamente as necessidades do bebê, visto como um indivíduo separado e não simbioticamente confundido com a mãe” (Maldonado, 1991, p.23).

Em contraste, está uma relação doentia que:

Caracteriza-se, em termos gerais, pela expectativa de que o bebê preencha certas necessidades neuróticas da mãe ou do pai como, por exemplo, evitar a solidão, satisfazer-lhe a carência de afeto, fazê-los sentir-se úteis; ou então o bebê pode representar simbolicamente uma parte doente da mãe ou do pai; frequentemente, é esta a dinâmica subjacente à incessante procura de médicos para descobrir “o que há de errado” com o bebê que na realidade é perfeitamente saudável. (Maldonado, 1991, p.23)

A constituição familiar, todavia, possui em si aspectos próprios que a tornam e a chegada dos filhos é grande parte disso, pois este enquanto vida humana, com tendência inata

a respirar, movimentar-se e crescer, sendo um ser que “contém em si um princípio de vida – ou seja, que produz vida, e não é apenas mantido vivo” (Winnicott, 1997, p.62-63) representa em grande parte alegria e completude na vida dos pais (Winnicott, 1997).

4 NASCI E AGORA? DO NASCIMENTO AO DESENVOLVIMENTO EM FAMÍLIA

Sobre o filho que acaba de nascer, sentir e perceber os pais e o novo mundo em que agora se encontra, Winnicott (1997) vai discorrer dizendo que essa criança tem de lidar com muito mais do que sua própria realidade ao chegar no mundo, terá que lidar com todas as fantasias conscientes e inconscientes idealizadas por seus pais, sendo que cada um deles possui aspectos, muitas vezes, completamente diferentes de pensar e agir frente a esta criança.

Para o autor, isso se explica no fato de que grande parte desse sentimento “depende do relacionamento dos próprios pais na época da concepção, durante a gravidez, quando do nascimento e depois” (Winnicott, 1997, p.63), não dizendo respeito, boa parte desse sentimento, diretamente à criança em si, mas ao conjunto que a trouxe à existência sendo nisso apresentado, inclusive, notável diferença no modo de agir com cada um dos filhos.

Apesar dos aspectos apresentados das fantasias constituintes em cada um dos pais frente aos filhos, Winnicott (1999) vai dizer que em relação ao bebê, este realmente necessita de um ambiente favorável para se constituir, crescer de forma saudável e amadurecer rumo à própria independência e tudo isso dependerá do que o autor denomina *mãe suficientemente boa*, sendo esta, capaz de manter em harmonia e estabilidade sua relação dual mãe-bebê, ofertando atenção e disponibilidade a este, juntamente ao suprimento de todas as suas demandas de necessidade primordial e de manutenção desta vida como um todo, para constituição dos aspectos fisiológicos e emocionais.

Contudo, para que isso se dê e ocorra da forma a qual deve ser, a presença do pai se faz imprescindível neste momento crucial da vida, uma vez que ele representa o ponto de sustentação dessa família e estabiliza tanto quanto favorece essa relação (Winnicott, 1999).

Esse movimento intrafamiliar de sustentação do pai à mãe, suprimento da mãe ao bebê e desenvolvimento de ambos na constituição e avanço de um ambiente favorável, dependerá diretamente da maturidade que ambos trouxeram de si para o relacionamento, sendo justamente essa maturidade denominada por Winnicott (1999) como saúde psíquica do indivíduo. Para ele, quanto ao desenvolvimento: “saúde significa uma maturidade relativa à idade do indivíduo.

Desenvolvimento prematuro do ego ou consciência prematura do *self* não são mais saudáveis do que consciência retardada” (Winnicott, 1999, p. 04).

Vai dizer também que “A tendência para amadurecer é, em parte, herdada.” Sendo que o desenvolvimento do ser humano, principalmente no início da sua vida, vai “depende de um suprimento ambiental satisfatório, que facilita as várias tendências individuais” (Winnicott, 1997, p. 04). Nesse aspecto, consegue-se claramente observar um ciclo, onde a necessidade de suprimento e sustentação familiar apresentada pelo autor, dependerá em grande parte do quanto este indivíduo foi igualmente suprido em suas próprias necessidades no início de sua vida.

Em relação a Winnicott, autor tão referenciado neste Projeto é importante esclarecer que o cerne de seu trabalho é principalmente voltado à “teoria do amadurecimento pessoal do indivíduo, o qual, no início da vida, depende totalmente do ambiente e vai, com o crescente amadurecimento, tornando-se cada vez mais independente, alcançando, na maturidade, uma independência relativa.” (Dias Rosa, 2009, p.57).

Do amadurecimento saudável do indivíduo, Claudia Dias Rosa (2011) dirá que pode ser pensado desenrolando-se em duas linhas, nunca separadas entre si, a saber identitária, de características próprias adquiridas das experiências vivenciadas, capaz de proporcionar sentido ao segundo aspecto; do suprimento instintual que advém de instinto, necessidades básicas, orgânicas, fisiológicas de sobrevivência. “Estas linhas nunca estão dissociadas, embora em fases específicas da vida cada uma delas assumam preponderância de acordo com a tarefa particular relativa a cada estágio” (Rosa, 2011, p.19).

A relação entre as linhas de amadurecimento identitária e instintual pode ser melhor compreendida se apresentado um exemplo de necessidade básica de um indivíduo, como a fome. A satisfação desta, só pode se dar completamente no bebê se vir carregada da experiência de alimentar-se e não apenas comer, ou seja; para que o desenvolvimento do amadurecimento do indivíduo ocorra de modo integrador e saudável não basta o simples comer para saciar a fome, é necessário que o comer ganhe um sentido e represente uma experiência alimentar que pode ser boa ou ruim a depender do ambiente a ele proporcionado.

Ambas, instintual e identitária, embora diferentes entre si estão intimamente interligadas visto que uma só se dará de forma satisfatória diante do suprimento conjunto que segundo Winnicott (1997), vem constituir e formar grande parte do ser adulto tal como é, refletindo suas escolhas, gostos, pareceres, visão de mundo, modo de agir, reagir, atuar.

Essa constituição do ser o colocará em uma escala de atuação no mundo que vai desde o colo à democracia, onde, como requisito para uma integração social ativa, este deverá ter perpassado um núcleo familiar que o tenha direcionado, capacitado ao exercício de tal função, pois “o lar, contudo, é de responsabilidade dos pais e não da criança” (Winnicott, 1999, p.118).

Gomes (1998) apresentará os filhos como uma espécie de bode expiatório do contexto familiar que, a partir de seus próprios sintomas, evidenciam os conflitos ali instaurados, denunciando, inclusive, a dinâmica do casal. Estes sintomas acabam por tornar-se um meio auxiliar para os pais que, em contato com seus conflitos, podem voltar-se ao problema conjugal de modo a buscar por ajuda e meios de mudança em prol à reestruturação da estabilidade desta família.

Para que se estabeleça uma sociedade democrática, com sentido de liberdade pessoal, social e político capaz de mover-se prol ao zelo pela engrenagem social é necessário haverem nesta, indivíduos sadios e isto origina-se imprescindivelmente na família, pois nela é que se estabelece desde o nascimento, princípios morais, éticos, de regras, reconhecimento hierárquico e outros mais, capazes de bem formar este indivíduo, conduzindo-o a um senso de responsabilidade pessoal e social. Dá-se aí a real compreensão do valor da família como base estrutural primária do ser, sendo este, regido mediante o que lhe foi ensinado, estabelecido desde o princípio da vida, seja em uma família suficientemente boa ou ruim, resultando em atos que refletirão ao equilíbrio social, se dando através do adulto que integra ou dissocia comportamentalmente, que respeita ou defrauda o sistema ao qual pertence (Winnicott, 1999).

Conhecemos algumas das razões que fazem essa longa e exigente tarefa – o trabalho dos pais de compreender os filhos – valer a pena; e, de fato, acreditamos que esse trabalho provê a única base real para a sociedade, sendo o único fator para a tendência democrática do sistema social de um país. (Winnicott, 1999, p.118)

Sendo reconhecidamente a família a base estrutural para a constituição e fortalecimento deste indivíduo que parte da imaturidade e total dependência do colo materno e familiar, rumo à autonomia e estabilidade que o integra socialmente, resultando o indivíduo tal como é e refletindo igualmente à sociedade pertencente (Winnicott, 1999).

5 METODOLOGIA

Este estudo e pesquisa buscou trazer mensuradamente a experiência de vida dos casais que vivenciam o curto período de crianças pequenas, bebês em seu núcleo familiar.

O projeto, para que pudesse ser realizado, foi encaminhado primeiramente à Prefeitura do município para análise jurídica e aprovação do prefeito da cidade escolhida, seguido da cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, Carta Ofício, Termo de Confidencialidade e Sigilo para a obtenção do aceite destes, mediante a Carta Resposta.

Após a aprovação pelo Comitê de Ética, através de seu Parecer Consubstanciado, houve direcionamento de todo o projeto para as Secretarias de Educação, Saúde e Assistência Social do município, onde, em um trabalho conjunto e colaborativo foram levantados dados de famílias condizentes à realização do mesmo, sendo assim, em contato direto foram convidados junto a um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, pais de crianças entre 03 meses e 01 ano e 06 meses de idade, residentes no município de Sertaneja e seu distrito Paranagi, PR, vivendo em união civilmente estável, independentemente do número de filhos e vivenciando exatamente este particular momento. O dos filhos pequenos.

A parte da entrevista realizada com o casal foi composta por um conjunto ordenado de documentos e questionário propriamente dito, a saber: 01 (um) TCS – Termo de Confidencialidade e Sigilo (ficou com o casal), 02 (dois) TCLEs – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (onde 01 ficou com o casal e 01 foi devolvido assinado por ambos para a pesquisadora) e o questionário, composto por 03 partes, sendo: o primeiro questionário, objetivo, contendo 08 (oito) perguntas fechadas, visando estruturar o projeto estatisticamente e buscar padrões; e o segundo, seguindo uma linha de perguntas abertas previamente elaboradas para aprofundar qualitativamente a análise dos aspectos similares encontrados no questionário objetivo, apresentou um total de 11 (onze) perguntas de resposta dissertativa para cada um dos cônjuges e uma reflexão.

Os casais participantes, tiveram um tempo de até 1h30min para responder toda a pesquisa, podendo dialogar entre si os eventos a serem respondidos do questionário conjunto, e o individual, sob solicitação, deveriam ser respondidos individualmente, sendo o homem um e a mulher outro, estando em suas próprias casas, podendo sair a qualquer momento se necessário e/ou desistir do processo de preenchimento.

Os dados de interesse e estudo foram agrupados em seis categorias preestabelecidas por cada questão norteadora, utilizando a análise de conteúdo, a saber: maiores mudanças ocorridas na família; organização na vida cotidiana da família; vivência entre o casal após o nascimento do filho(a); rede de apoio social/familiar; sentimentos e percepções dessa família; maiores necessidades e/ou satisfações vivenciadas. Ambos formulados pela autora da pesquisa, aplicados aos casais de forma conjunta e também individualizada.

Foi concedida a possibilidade de prestação assistencial, se necessário, aos participantes em caso de danos imateriais, como, qualquer tipo de constrangimento, seja do modo de aplicação, ou do questionário em si, que pudessem trazer sentimentos conflitantes até então inexistentes, a partir do encaminhamento à psicóloga orientadora para o casal em questão.

Todos os participantes foram previamente orientados a respeito do conteúdo da pesquisa através do TCLE, como orienta o Artigo 2º, parágrafo V da Resolução n.º 510/12, assegurando inclusive todos os direitos previstos no Artigo 9º da mesma Resolução.

Foram comunicados que os resultados mensurados seriam oferecidos e publicados à comunidade acadêmica, mantendo total sigilo dos participantes e das respostas em si.

Nenhum tipo de pagamento foi oferecido ao participante antes, no decorrer ou ao final da pesquisa.

Caso não quisessem participar, ou mesmo desejassem a qualquer momento desistir da pesquisa, tinham a total liberdade de fazê-lo, sem nenhum ônus ou prejuízo de ordem pessoal.

Tendo o participante, interesse em receber os resultados da pesquisa, ou esclarecer qualquer dúvida, o contato do endereço eletrônico da pesquisadora requisitando tais informações também foi indicado e orientado individualmente.

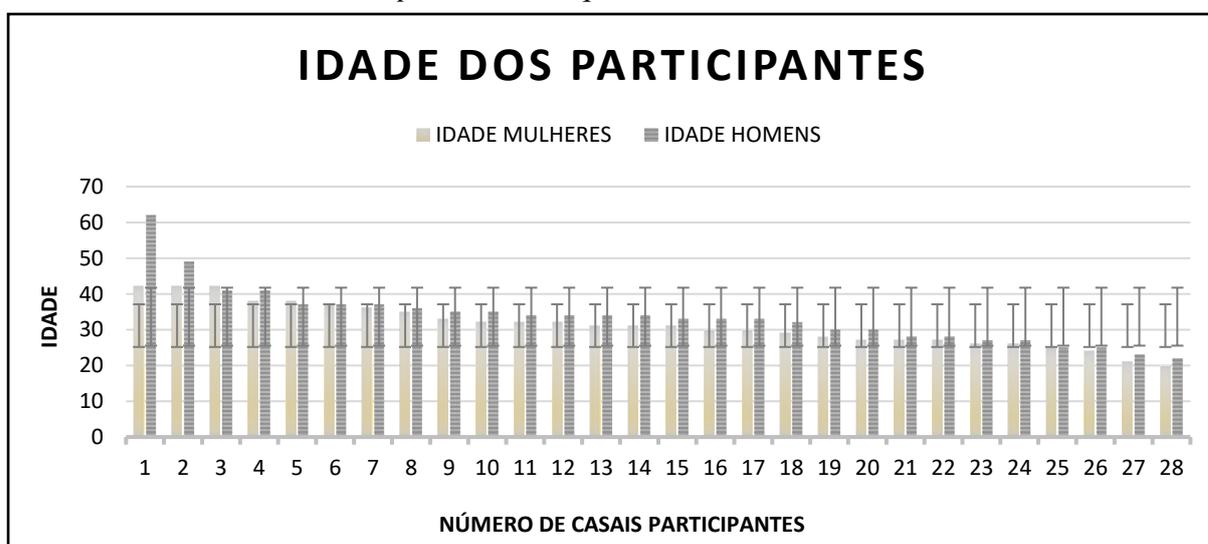
6 RESULTADOS

Foram, ao todo, examinados 28 casais, sendo individualmente 56 participantes diferentes. O questionário de pesquisa foi especificamente composto por 3 partes, obteve na parte de resposta individual 11 perguntas abertas, sendo que destas, as perguntas de número 12, 15, 16 e 17 contaram com mais quatro a cinco questionamentos internos de diferente ordem, assim sendo, o questionário individual obteve na íntegra um total de 31 itens respondidos pela mulher dentro das 11 questões apresentadas, mais 35 itens respondidos pelos homens e 08

questões fechadas direcionadas ao casal, representando assim, um total de 74 itens diferentes respondidos por cada casal, contemplando 2.072 respostas acerca do tema.

Quanto à **idade** dos participantes dessa pesquisa, as mulheres apresentam entre 20 e 42 anos e o maior percentual destas está na faixa de 26 a 32 anos de idade e os homens possuem de 22 a 62 anos com maior percentual encontrando-se na faixa dos 33 a 37 anos de idade, como apresentado no gráfico 1 que segue:

Gráfico 1 - Idade dos Participantes da Pesquisa

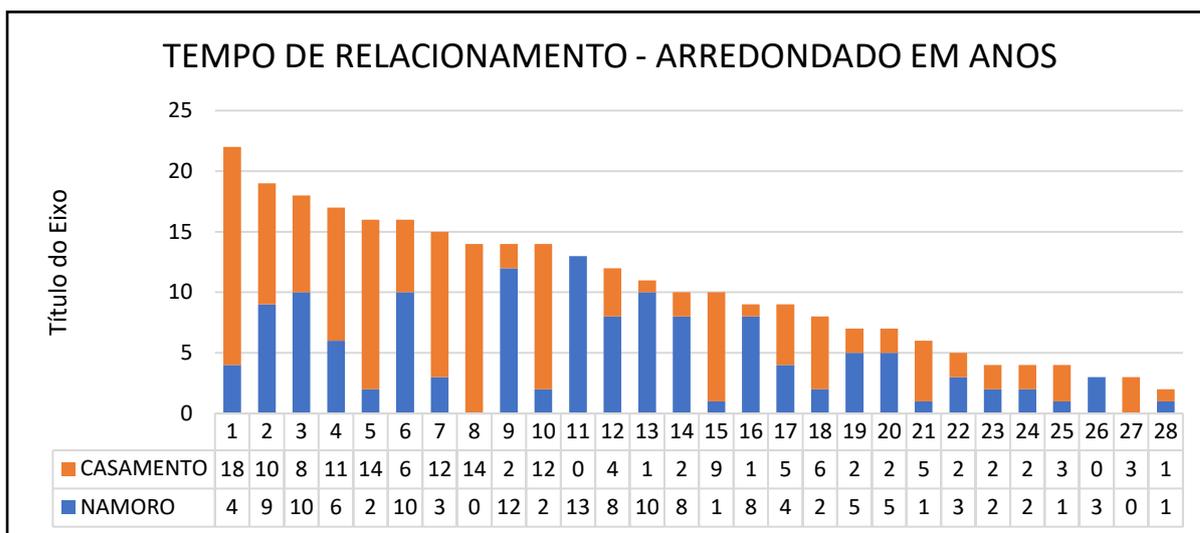


Do **tempo de relacionamento** observa-se grande diversidade nos casais, desde aqueles que não tiveram aparente tempo de namoro ou obtiveram um curto tempo e ainda aqueles que diferentemente apresentaram um alto tempo de relacionamento pré-união estável, seja este casamento civil ou não, sendo que destes 28 casais 01 apresentou zero tempo de namoro, 04 entre 12 a 22 meses (1ano a 1a.10m) de namoro, 03 enquadram-se dentro de um tempo médio de 24 meses (2 anos) de namoro, 05 casais de 3 anos e 3 meses até 3 anos e 9 meses de namoro, 02 casais representando 4 anos e meio e 4 anos e 8 meses de namoro, 01 casal namorou torno de 5 anos, 1 torno de 6 anos, 04 casais namoraram torno de 8 anos (indo de 8 anos e 2 meses, até 8 anos e 8 meses), 03 casais namoraram de 9 anos e meio há 9 anos e 9 meses e 04 casais namoraram mais de 10 anos.

No total, 15 casais namoraram até 5 anos, enquanto 13 namoraram mais de 5 anos antes de assumirem um relacionamento conjugal matrimonial.

Quanto ao tempo de união estável até o ano de 2023, sem mensuração específica de meses, constando apenas uma média de anos juntos, metade destes, possui até 3 anos casados e a outra metade de 4 a 18 anos, conforme demonstrado no gráfico 2 a seguir:

Gráfico 2 - Comparação de Tempo de Relacionamento dos Casais Apresentados



Nas mensurações por índice familiar, 99% das famílias entrevistadas vivem com seu **núcleo familiar** dentro da mesma casa (incluindo enteados), onde apenas um casal mora entre familiares com grau de parentesco.

O índice de casais participantes que são **casados civilmente** ou vivem em uma união estável (amigados/amasiados) demonstrou que a maioria é casada no civil, a saber 75% destes.

Na mensuração por gênero masculino e feminino referente aos **pais dos participantes serem casados, divorciados ou falecidos**, esta pergunta se deu, haja visto diversos e reconhecidos autores terem mencionado em seus estudos o impacto que causa na vida dos filhos o divórcio e falecimento de seus pais, de suas figuras de amor e autoridade e o resultado desta pesquisa (pós gestacional), apresentou uma pequena diferença de homens e mulheres enquadrados em famílias **divorciadas**, a saber 09 mulheres passaram por este momento dentre as 28 entrevistadas e 10 homens.

Do grau de **relacionamento com os próprios pais**, a questão foi desenvolvida de modo a levar os participantes a mensurarem sua relação com eles, tendo sido apresentada a eles uma escala de 0 (representando péssimo relacionamento) a 5 (representando um ótimo relacionamento).

Desses, as mulheres apresentaram um índice de relacionamento melhor que os homens sendo que dos resultados, 67.9% apresentaram ter um ótimo relacionamento com seus pais, 28.6% apresentaram um bom relacionamento e 01 (uma) mulher, apenas, apresentou relacionamento regular com seus pais, enquanto dos homens o resultado se deu em 57.1% deles em um ótimo relacionamento com seus pais, 39.3% um bom relacionamento e igualmente ao índice das mulheres, 01(um) homem apresentou relacionamento regular.

Vale ressaltar que dos participantes que se enquadraram na mensuração boa (opção 4) o fizeram por se darem bem com um dos pais, porém (na maioria das vezes) muito mal com o outro, então foi solicitado que eles ponderassem entre um e outro para encontrar uma média.

Quanto ao grau de relacionamento desse casal com os seus **sogros**, foi encontrado um índice quase idêntico no relacionamento tanto dos homens quanto das mulheres no bom e ótimo relacionamento, sendo que 57.1% apresentaram um ótimo relacionamento e 25% de ambos, um bom relacionamento. No resultado de um relacionamento estável (opção 3), houve um padrão observado, onde o participante dizia ter um ótimo ou um bom relacionamento com um dos sogros, mas, em contrapartida, um péssimo relacionamento com o outro, então foi solicitado que mensurassem qual grau prevaleceria para responderem. Se deram, a partir daí, os resultados de relacionamento estáveis, sendo que 04 mulheres apresentaram este índice e 05 homens, contudo 01 mulher ponderou ter um grau ainda menor no relacionamento com seus sogros.

Foram apresentadas 06 questões de maior possível **enfrentamento** desse casal durante o período pós gestacional e observou-se que tanto mulheres quanto homens demonstraram um altíssimo índice de cansaço representados em 96.4% e 85.7% respectivamente e muitos, inclusive, relataram cansaço extremo o que corrobora esse resultado. A segunda maior questão enfrentada pelas mulheres, representando 71.4%, foi a questão psicológica e emocional e a terceira, representando 50% delas, foi da incompreensão. A segunda maior questão enfrentada pelos homens foi representada por dois índices idênticos, sendo de 46.4% para as questões psicológica e emocional, e financeira.

Das justificativas de respostas e palavras frequentes no discurso das mulheres para essa fase questionada, pôde-se observar que 04 mulheres expressaram termos que denotam facilidade, tranquilidade; 03 mulheres mencionaram especificamente ser uma fase, um momento; 06 expressaram sentimento de culpa, medo, cobrança; 05 mencionaram cansaço, sono; 07 falaram da falta de tempo, correria; 02 referiram-se à rede de apoio; 05 mulheres citaram o autocuidado, a autoestima; 06 relataram a alta demanda, o fato de os filhos virem em

primeiro lugar, serem a prioridade desse período; 04 falaram sobre educação, e embora todos os participantes falem de alguma forma sobre mudança, 06 trouxeram expressamente como ponto de dificuldade toda mudança que esse momento traz; 05 trouxeram o tema trabalho e 04 referiram-se à preocupação como grande ponto de dificuldade da vida após os filhos. Ainda assim, muitas delas expuseram sua realização apesar das dificuldades apresentadas.

Quando a mesma pergunta foi feita aos homens, na escala de 0 a 5, tal qual a das mulheres o gráfico apresentou-se balanceado nessa escala, sendo que percentualmente 28.6% dos homens apresentaram um resultado de máxima dificuldade (opção 5), contudo, exatamente o mesmo percentual foi apresentado no grau de dificuldade média alta (opção 3), ficando o segundo lugar também idêntico, sendo das opções de baixa dificuldade (2), mas também de alta dificuldade expressa na opção de número 4, representando ambos um percentual de 14.3.

Da classificação de palavras utilizadas entre os homens, pôde-se observar que 08 deles consideraram não ser difícil ou consideraram apesar de difícil, não muito; 04 deles mencionaram explicitamente a palavra responsabilidade como fator de maior mudança e dificuldade; 03 citaram aspectos financeiros; 05 o tempo; 02 reconheceram a esposa estar com a maior responsabilidade no momento, 04 falaram expressamente a palavra adaptação, mudança, nova experiência.

Do grau de **felicidade**, as mulheres escolheram a 5ª opção quase em sua totalidade, correspondendo a 92.9% das respostas.

Em suas respostas, as palavras mais citadas foram, em primeiro lugar alegria, felicidade, correspondendo a 17 respostas explícitas; logo mais, amor com 11 correspondências; vida 05; realização 04; completude 03 e o sonho de ser mãe 02 respostas diretas.

Do grau de **felicidade** apresentada pelos homens, a 5ª opção (alegria máxima) foi em sua grande maioria a escolhida, sendo de 92,9% destes.

Das suas respostas, 14 homens disseram ter alegria extrema, 03 mencionaram o amor; 05 deles mostraram expressamente o apego emocional ao dizer que filho: “faz tudo valer a pena, cura preocupação e cansaço, salva o dia, faz esquecer tudo, é força para seguir, é combustível para lutar, é o coração fora do peito”; outros 07 expressaram a alegria mencionando o olhar, o sorriso, o andar, o falar, o se desenvolver, o conquistar, o descobrir da caminhada, do dia a dia de seus filhos que fazem para eles toda a diferença trazendo grande satisfação; 03 mencionaram ser gratificante e uma realização; 09 apontaram ser imensurável, indescritível, inigualável, não

ter preço e outros 05 pais trouxeram em suas respostas a realidade de que ainda com toda alegria/felicidade, existem aspectos de dificuldade, ponderando entre os dois pontos.

Quando, separadamente questionados sobre as **maiores mudanças gerais** percebidas após o nascimento do(s) filho(s), as mulheres responderam quase em unanimidade terem percebido grande mudança no tempo de modo geral, nas prioridades e rotina. Citaram também alterações significativas no corpo, acarretando insatisfação e insegurança. Foi mencionado por boa parte das mulheres entrevistadas diminuição no relacionamento íntimo e também cansaço.

Os homens, por sua vez, frente ao mesmo questionamento citaram quase em unanimidade terem percebido mudança no aspecto relacionado a maturidade e responsabilidade que esse novo momento trouxe, citaram ainda, o tempo como fator de grande mudança e dos homens que citaram especificamente o relacionamento entre o casal, 57% mencionou mudança no aspecto positivo de maior união e estreitamento entre eles apesar de todos os desafios e 43% deles o oposto. Uma observação importante é que nenhum, independentemente de haver citado o casal especificamente, disse ter melhorado ou aumentado o relacionamento íntimo entre eles neste momento da vida.

Outro questionamento realizado foi se **algo mudou entre o casal especificamente** e 86% das mulheres disseram que sim, 11% que não e 4% não responderam especificamente à pergunta. Como maiores mudanças entre o casal, a maior frequência de citação entre elas foi o tempo a dois que se perdeu completamente; o casal em segundo plano nesse novo contexto; cansaço, indisposição. Quanto à vida sexual, todas as que conseguiram falar sobre o assunto, mencionaram diminuição do contato íntimo. Delas, 39% afirmaram que, apesar de tudo, o casal ficou mais forte e unido, percebendo significativa melhoria relacionada à conjugalidade. Algumas frases foram: “a intensidade do amor aumentou, os laços se fortaleceram”; “melhorou bastante a cumplicidade, a parceria, ele me ajuda bastante”; “nos aproximamos mais, nos tornamos mais felizes, hoje o tempo que estamos juntos curtimos mais”; “hoje somos mais unidos, maduros, responsáveis e próximos”; “antes pensávamos só em nós mesmos, hoje temos o privilégio de ver o companheirismo, o amor verdadeiro...”; “nos uniu mais, estávamos meio separados” e outros.

Os homens, em sua grande maioria, perceberam significativa mudança entre o casal, sendo que destes, 89% disseram sim, 4% não e 7% deles não responderam especificamente à pergunta. Como maiores mudanças citadas, praticamente todos eles mencionaram o tempo em casal, mas foram parcialmente citados, a liberdade, atenção dedicada e mudança na prioridade

do casal. Os que conseguiram mencionar a vida sexual, relataram diminuição. Deles, 57% afirmaram que, apesar de todas as mudanças, o casal ficou mais alinhado, próximo e unido. Algumas frases foram: “... distanciou no relacionamento, mas aproximou no sentimento”; “somos mais unidos, o respeito e o amor aumentou um pelo outro”; “mudou para melhor, hoje quero ficar 24h com ela, esquecendo serviço e outros problemas”; “hoje somos ainda mais unidos”; “como o tempo é reduzido, nos dedicamos para aproveitar ao máximo quando estamos juntos”; “... hoje penso em passar mais tempo com eles”; “somos mais unidos, a chegada do bebê trouxe mais amor”; “o amor se tornou mais sólido, hoje há mais compreensão, companheirismo...”, e outros. Ressalta-se que esta pesquisa foi feita ao casal separadamente.

Foi analisada a **organização da vida e rotina** dessa família, sua configuração em tempo/hora, sendo dividido em 6 modalidades, a saber: 1. Trabalho; 2. Estudo; 3. Com o/a(s) filho/a(s); 4. Lazer; 5. Individual; 6. Descanso/sono.

Constatou-se que quanto ao **trabalho**, 21% das mulheres entrevistadas trabalham fora de casa; 39% não trabalham, dedicando-se exclusivamente aos cuidados da casa, filhos e família; 29% trabalham de forma remunerada em suas próprias casas, em turnos que variaram de mulher para mulher, mas se deram de modo geral entre 4 a 6 horas e 11% trabalham fora, mas estão em casa cumprindo a licença maternidade. Dessas, 7% **estudam** e 93% não mais. Do **tempo que passam junto com seus filhos**, 71% respondeu passar tempo integral, enquanto 14% ficam de 5 a 6 horas por dia (de segunda a sexta-feira), mais finais de semana integralmente e 14% relatou ficar de 2 horas a menos com seus filhos em dias de semana (segunda a sexta-feira). Quando perguntado se elas tinham algum tempo de **lazer**, 43% respondeu que sim, aos finais de semana com a família; 36% respondeu “muito pouco, às vezes e ainda raro”; 7% disse não ter nenhum tipo de lazer no momento e percebeu-se que estas que não conseguem ter momento de lazer é porque seus bebês ainda são recém nascidos, muito novos, impossibilitando à família sair ou se dedicar a outros interesses. Houve, ainda, um grupo de 14% que respondeu ter momentos de lazer com muita frequência, tanto em dias de semana quanto aos finais de semana. Na 6ª modalidade de pergunta, 25% das mulheres disseram ter seu **momento individual** (durante dias de semana, ainda que 1 hora por dia); 11% respondeu: “ser raro, pouco, às vezes” e 64% afirmou não ter tempo algum sozinha, nem mesmo no banho. A 7ª e última modalidade de perguntas desse quadro específico questionou o tempo de **descanso/sono** dessas mães e, delas, a maioria respondeu ter 8 e de 8 a 9 horas de sono, representando 54%. 43% têm menos de 8 horas de sono, ou então, não conseguiram mensurar especificamente, mas

afirmaram ter muito pouco, certamente enquadrando-se no grupo com menos de 8 horas de descanso e 4% têm mais que 8 a 9 horas de sono/descanso diárias.

Exatamente as mesmas perguntas foram feitas aos homens e as configurações de posição foram notadamente muito divergentes em alguns aspectos, mas muito semelhantes em outros, sendo que destes, no quesito **trabalho**, absolutamente todos trabalham, uns autônomos extrapolando a carga horária, outros plantonistas, outros, ainda, com mais de 1 emprego e destes, 46% tem carga horária de trabalho acima de 9 horas por dia; coincidentemente, no público pesquisado, 46% trabalha entre 8 e 9 horas por dia e 7% abaixo de 8 horas diárias. Quanto ao **estudo**, mais homens têm estudado nesse período que mulheres, sendo que destes, 25% estudam e 75% neste momento não mais. Do **tempo que passam com seus filhos**, durante os dias da semana (segunda a sexta-feira), 18% passam de 3 a 5 horas; 11% afirmaram ficar mais que 5 horas diárias, 25% ficam com eles após o expediente de trabalho e 46% ficam no máximo 2 horas por dia (segunda a sexta-feira). O tempo que passam com seus filhos, a grande maioria dos homens entrevistados, passa de 2 horas a menos com seus filhos, por dia, de segunda a sexta-feira, representando 46%. Há, ainda, 18% de pais que passam de 3 a 5 horas diárias com seus filhos; 11% que passam mais de 5 horas diárias e 25% que ficam com eles após o expediente de trabalho. Vale ressaltar que essas horas são contadas de segunda a sexta-feira e, nos finais de semana, a maior parte desses pais passa com seus filhos, com exceção de plantonistas, safristas e caminhoneiros. Quando perguntado se eles tinham algum tempo de **lazer**, 39% respondeu que sim, aos finais de semana com a família; 29% respondeu “muito pouco, às vezes e ainda raro”; 7% disse não ter nenhum tipo de lazer no momento e percebeu-se que estes que não conseguem ter momento de lazer é porque seus bebês ainda são recém nascidos, muito novos, impossibilitando à família sair ou se dedicar a outros interesses e ainda por motivo de carga horária de trabalho muito alta que literalmente os impede de estar com sua família. Houve, ainda, um grupo de 25% que respondeu ter momentos de lazer com muita frequência, tanto em dias de semana quanto aos finais de semana.

A quinta modalidade desse quadro de perguntas foi se tinham algum **tempo individual** e 54% disse que sim, 14% disse ser “muito raro”, “pouco” e/ou “às vezes” e 32% disse não ter tempo algum individualmente. Quando questionados sobre seu tempo de **descanso/sono**, 29% respondeu ter 8 e de 8 a 9 horas, enquanto 71% deles disse ter “menos que 8 horas de descanso”, ou “até 8 horas” sendo raro e aqueles que não conseguiram mensurar, mas afirmaram ser “muito pouco” também estão incluídos neste percentual.

Ao tema **rede de apoio**, 54% dos casais responderam possuir rede de apoio para auxiliá-los de alguma forma neste período da vida, seja apoio de ordem financeira, ou de auxílio nos cuidados básicos essenciais; 36% respondeu não possuir auxílio algum de qualquer pessoa que seja e 11% disse que às vezes alguém auxilia se solicitado, sendo extremamente raro ocorrer.

Ao final da entrevista foi solicitado que cada um individualmente compartilhasse, resumindo em uma única frase, sua particular experiência de vida após os filhos, perguntando: “De forma extremamente sincera, se você pudesse dizer ao mundo com uma única frase a sua particular experiência da vida após o(s) filho(a) os(as), o que diria?”

Do grupo das mulheres, algumas, a saber; 32% demonstraram compreender este momento a partir de duas perspectivas diferentes, enxergando que existe tanto o lado muito bom, quanto o muito desafiador. 7% delas demonstrou perceber apenas o lado negativo da experiência atual e 61% pontuou o lado positivo desse momento específico da vida.

Algumas frases foram: “Todo o cansaço vira nada perto da felicidade de ver o filho bem e sorrindo. Não existe felicidade maior que ter um filho”; “É difícil, mas realmente vale a pena”; “Difícil? Sim! Mas não trocaria essa vida por nada, amo meus filhos”; “O amor pelos filhos supera o cansaço e faz valer a vida”; “Renúncia, alegria, um amor incondicional. Heranças preciosas do Senhor”; “Literalmente um mix de emoções e sentimentos”; “O amor pelos filhos supera todas as dificuldades enfrentadas”; “Muito difícil”; “É uma experiência única, um amor puro, algo extraordinário”; “A melhor experiência de toda minha vida”; “Eu não sabia o que era amor de verdade”; “A gente só sabe o que é amar após ter um filho. essa compreensão só vem após eles”; “Realizada. Como se a vida estivesse completa e alcancei o que mais desejava”; “Desafiadora”; “Obrigada meu Deus por ter me dado esse título de mãe, filho é o amor mais puro e verdadeiro que existe”; “Não tem como expressar o amor e alegria que me trouxe o filho”; “Me consomem 100%, mas sou grata a Deus por eles”; “Tenham filhos! A alegria que sentimos em ter eles em nossas vidas valem muito a pena”; “Há mudança de vida e realização pessoal”; “Ser mãe é a missão que Deus nos deu, sendo a experiência mais linda da minha vida, ser mãe é acima de tudo, descobrir o significado para o amor”; “Momento de amor único e precioso.”

Do grupo dos homens, 29% demonstrou compreender este momento a partir de duas perspectivas diferentes, tanto o lado gratificante quanto desafiador; 4% enxerga apenas o lado

negativo da experiência; 57% enxerga o lado positivo e 11% não conseguiu formular uma frase e expressar mediante palavras sua experiência pessoal.

Algumas frases foram: “É magnífico, e por mais difícil que seja ter um filho, não existem palavras, apenas criem os filhos de vocês e não abandonem”; “Amor inigualável, inexplicável”; “Um presente de Deus, a peça chave que faltava em nossa vida”; “É muito bom ser pai”; “Complexa”; “As dificuldades são compensadas com muito amor e carinho”; “Uma explosão de experiências e emoções”; “Experiência boa e única, apesar de dificuldades, vale apenas cada segundo ao lado do seu filho”; “A vida muda completamente, mas não consigo expressar esse sentimento em palavras é imensurável”; “O meu coração bate fora do meu peito”; “Melhor coisa do mundo”; “Uma bênção de Deus”; “A experiência mais gratificante que um homem pode ter”; “Minhas filhas são a maior bênção em minha vida, meu combustível para prosseguir”; “Amor”; “Após meus filhos percebi que não existe alegria sem eles”; “Que o choro dura uma noite, mas a alegria vem pela manhã”; “Minha vida”; “Não há nenhuma dificuldade tão grande que os filhos possam proporcionar, comparado à alegria inexplicável de ser pai”; “Uma aventura que vale apenas, e muito”; “Felicidade maior do mundo”; “Pode até ser cansativo, mas vale apenas.”

7 DISCUSSÃO

Analisando amplamente os resultados apresentados a partir do capítulo anterior desta pesquisa, pôde-se observar a diversidade e também a congruência na resposta tanto dos casais, como dos grupos de homens e de mulheres diante deste período específico da vida.

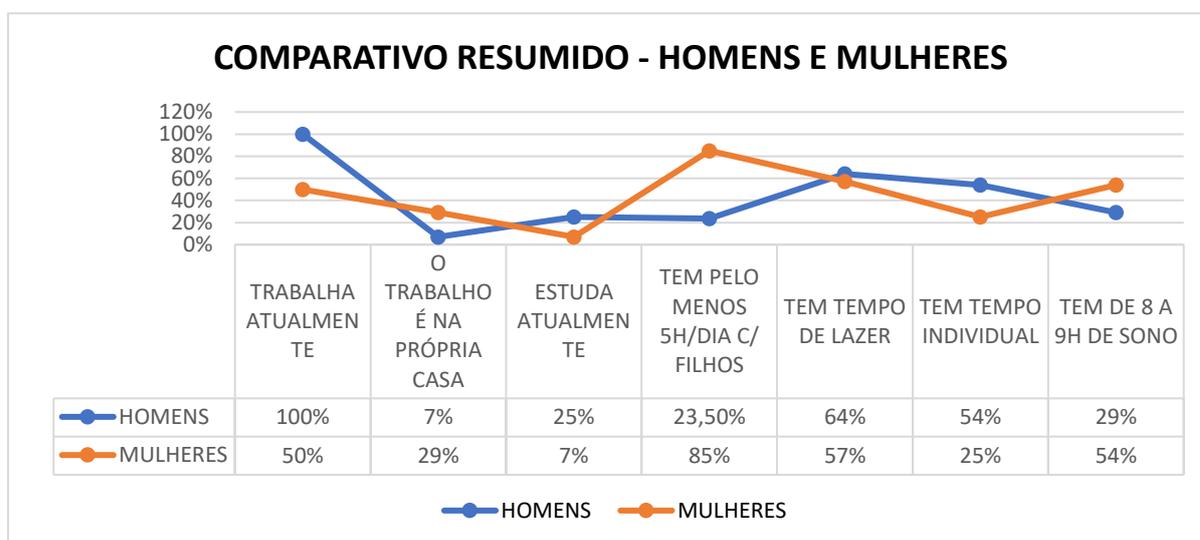
A análise dos resultados obtidos juntamente aos casais participantes revela que a **faixa etária** base deste período da vida com filhos pequenos se deu para as mulheres, principalmente na faixa de 26 a 32 anos, e para os homens de 33 a 37 anos de idade, representando uma diferença de torno de 10 anos, sugerindo que os casais aqui vivenciam este momento em uma fase mais madura de suas vidas e essa maturidade pode ser o motivo de se constatar 99% deles residindo apenas com seu núcleo familiar (mãe, pai, filhos), não envolvendo terceiros, possivelmente contribuindo para uma maior estabilidade emocional e financeira destes.

O **tempo de relacionamento** apresentou muitas variações, desde casais que não tiveram tempo significativo de namoro, àqueles com mais de 10 anos de relacionamento antes da união estável, entretanto, boa parte dos casais aqui representados teve tempo significativo

de namoro, indicando investimento em conhecer um ao outro antes de se comprometerem formalmente e pode ser um fator que contribui para a resiliência e maior capacidade de enfrentamento dos desafios pós gestacionais. Tanto que, quando questionados se **algo mudou entre o casal**, individualmente (homens e mulheres) responderam que sim, citando como maiores mudanças o tempo entre os dois, o casal vindo em segundo plano, o cansaço, a indisposição entre eles e a diminuição da vida sexual. Ainda assim, ambos relataram que curiosamente sentem, apesar de tudo isso, que o casal em si ficou mais forte, unido, próximo, alinhado, como se, com um real motivo para viver, lutar, se unir; sendo a chegada dos filhos aquilo que traz junto à dificuldade o verdadeiro sentido de ser e existir do casal e da família.

Os dados revelaram que as mulheres (67%) apresentaram um índice de **relacionamento** melhor com seus **pais** em comparação aos homens (57%), enquanto que com os **sogros**, tanto homens quanto mulheres relataram ter um relacionamento majoritariamente bom ou ótimo, contudo um padrão observado foi que parte destes casais relatou ótimo relacionamento apenas com um dos sogros, mas péssimo com o outro, indicando que embora haja possibilidade de rede de apoio para estes casais, possíveis fontes de tensão dentro dessa estrutura podem existir de modo a prejudicar mais do que auxiliar o casal nesse momento. Vale ressaltar que destes, 32% das mulheres vem de família com pais divorciados e 36% dos homens aqui representados também e por se tratar de familiares tão próximos como estes (pais e mães), a influência deste relacionamento tende a impactar diretamente a forma como cada gênero lida atualmente com as responsabilidades e pressões dentro do próprio convívio núcleo-familiar após tornarem-se pais. Quanto à **rede de apoio**, seguindo uma linha de comparação aos dados expostos acima, fica evidente o motivo pelo qual 47% dos casais entrevistados não a possuem satisfatoriamente.

Gráfico 3 - Comparativo Resumido – Tempo e Afazeres



Um dos maiores **desafios** enfrentados pelos casais foi o cansaço extremo, sendo que 96,4% das mulheres e 85,7% dos homens relataram essa condição. Além disso, 71,4% das mulheres destacaram questões psicológicas e emocionais como grande desafio de seus dias, enquanto que os homens 46,4% apontaram principalmente enfrentar desafios relacionados a questões financeiras e ainda psicológicas e emocionais. Esses dados ressaltam a necessidade de um suporte tanto psicológico, quanto de estratégias para lidar com o estresse e a exaustão tão comum deste período, uma vez que, com a chegada de um novo membro à família, tanto aspectos financeiros quanto da rotina familiar é fortemente alterado, necessitando auxílio à readaptação, um trabalho voltado à conscientização e auxílio psicológico parental, principalmente voltado a mães/pais/sogros/sogras de casais com filhos pequenos passando por este momento único, lindo, mas também desafiador da vida, que embora pessoal e intrafamiliar, não necessita ser encarado sozinho. Uma rede de apoio saudável se faz de grande valia, sempre.

A maior parte das justificativas das mulheres em relação aos desafios enfrentados incluíram sentimentos de culpa, medo, cobrança, cansaço, falta de tempo e até autocuidado, indicando sobrecarga emocional e necessidade de intervenções qualificadas que promovam maior bem-estar psicológico e físico dessas mães para poderem corresponder às necessidades de seu bebê e da família com maior leveza e satisfação advindas do suporte ofertado/recebido.

Após compreender as dificuldades desse momento e notar que são tantas, houve a curiosidade em saber se sobrou espaço em meio ao caos para algum tipo de alegria/felicidade e

a resposta foi surpreendente, pois de 0 a 5 (indicando o grau de felicidade sentido nesse momento específico da vida), entre as mulheres, 93% respondeu 5, grau máximo de felicidade e os homens coincidentemente também, divergindo apenas a resposta dos demais participantes.

Foi interessante perceber que a maioria das mulheres, a saber 71% delas, passa **tempo integral com seus filhos** pequenos, pois essa presença se faz essencial na vida e constituição do indivíduo, como apresentado neste projeto a partir da menção de diversos e requisitados autores. Contudo, a presença do homem, seja exercendo a função de pai e/ou esposo neste ambiente, principalmente no momento de vida retratado aqui, também é absolutamente imprescindível, pois a posição paterna serve de proteção e auxílio/suporte à mãe, representa a figura da lei, da realidade a essa criança e promove mediante o vínculo, recursos para a constituição do “eu” deste pequeno ser e do desenvolvimento de diversas habilidades, sendo justamente o pai o responsável por proporcionar as condições ideais necessárias para o nascimento psicológico de seus filhos, assim como destacado nas páginas 17 e 18 desta pesquisa. Infelizmente não é a realidade observada, pois quando realizado o levantamento do tempo que esses homens passam com sua família, principalmente com seus filhos, 46% deles demonstrou passar no máximo 2 horas por dia com eles durante os dias da semana (segunda a sexta-feira), não sendo revelado o quanto realmente passam tempo de qualidade juntos aos finais de semana, sendo extremamente necessário o alerta a reserva não apenas de tempo, mas de qualidade e dedicação deste tempo, por óbvio, sabe-se que quanto maior a carga de trabalho semanal, maior o esgotamento e cansaço acumulados para o final de semana, valendo o alerta.

O **tempo individual** é escasso para muitas mulheres, com 64% delas afirmando não terem tempo algum, sozinhas, nem mesmo para um banho tranquilo. Já entre os homens, 32% deles afirmaram não ter tempo individual e se comparado ao tempo de **lazer** que ambos se permitem ter durante a semana (ainda que apenas 1 hora por dia) para fazer algo para si, 54% dos homens tem determinado tempo individual comparado a apenas 25% das mulheres que apresentaram também possuí-lo em dias de semana. Essa diferença reflete certa desigualdade na divisão de responsabilidades dentro da família e também sobrecarga em relação a responsabilidades para com a mesma.

Quanto ao **trabalho**, 100% dos homens atuam remuneradamente para sustento de sua família, sendo que, deles, 46% trabalham acima de 9 horas diárias e, desses, a grande maioria possui mais de uma fonte de renda/trabalho ou atua de forma autônoma, necessitando dobrar sua carga de trabalho. Também se observou que desses que trabalham remuneradamente acima

de 9 horas diárias 50% possuem essa alta carga horária de trabalho para que suas esposas possam se dedicar exclusivamente ao cuidado dos filhos e família; 36% deles trabalham com alta carga horária e suas esposas também trabalham de forma remunerada, porém em suas próprias casas de forma autônoma e num curto espaço de tempo, podendo dedicar-se também aos filhos e família. 7% trabalha fora e remuneradamente (alta carga horária) na mesma proporção de tempo que sua esposa por ambos trabalharem juntos; e os outros 7% deles trabalham com suas esposas também atuando fora de casa em expediente convencional de 8 horas diárias. Sendo constatada a possibilidade do cuidado e dedicação da mãe à sua prole e também a necessidade de atuação fora de casa desses maridos que prole ao sustento abdicam de seus lares e de seu suporte à esposa e filhos neste momento da vida, evidenciando que os homens tendem a assumir jornadas de trabalho mais longas enquanto as mulheres são mais propensas a equilibrar múltiplos papéis dentro de seu próprio lar neste período específico da vida com filhos extremamente pequenos.

No quesito **descanso/sono** ficou claro que os homens têm dormido pouco, a saber, menos de 8 horas de sono diárias, refletindo ainda maior contribuição ao cansaço e exaustão expostos por eles no item “desafios”, parte dessa falta de sono está associada a alta carga de trabalho, contudo muito desse tempo é gasto com telas (fazendo-os perder a noção de tempo que deveria por questões de saúde serem direcionadas ao sono noturno) e à falta de rotina estabelecida para eles próprios, pois geralmente estabelece-se certa rotina para a criança, mas poucos adultos estabelecem para si mesmos, rotinas qualitativas a serem cumpridas. Isso resulta em graves consequências para a saúde física, mental e até mesmo emocional de ambos os pais, impactando negativamente a capacidade de cuidar de modo mais atento, leve e saudável dos filhos e do próprio ambiente familiar.

Os dados revelaram diferenças distintas na rotina diária e nas responsabilidades de homens e mulheres dentro da família. As mulheres tendem a equilibrar uma variedade maior de responsabilidades domésticas e cuidado com os filhos, enquanto os homens se dedicam mais intensamente ao trabalho fora de casa. Apesar de cada diferença, ambos desempenham papéis essenciais e complementares que são fundamentais para o funcionamento harmonioso da família. Essas funções distintas, mas interdependentes, destacam a beleza e a importância da colaboração e do suporte mútuo no ambiente familiar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O município escolhido para estudo contém uma população de torno de 5.600 habitantes, assim, o número de casais correspondentes às especificações exatas exigidas para esta pesquisa foi em quase sua totalidade abrangido de acordo com os registros municipais e cadastrais dos centros de saúde, educação e assistência social local.

A análise da organização da vida e rotina das famílias estudadas revelou uma complexa intersecção de responsabilidades e desafios enfrentados tanto por mulheres quanto por homens no contexto pós-nascimento dos filhos.

A estrutura do questionário proposto, juntamente aos casais participantes forneceram à pesquisa amplo vislumbre de dados sobre as experiências individuais e coletivas vividas, enriquecendo a compreensão acerca da dinâmica familiar neste período, podendo servir de base para estudos e trabalhos voltados a este nicho específico e ainda ao conhecimento dessas e de outras famílias que passam pelo mesmo momento, pretendendo compreender a diversidade de situações enfrentadas todos os dias e a melhor maneira de passar por cada uma delas.

Este projeto de pesquisa veio propor um vislumbre, um aprendizado e maior compreensão acerca das configurações intrafamiliares neste momento da vida, ainda propor possíveis alternativas a partir dos resultados encontrados, para todas as famílias que de alguma forma se identificarem, o que se sabe, serem muitas vivenciando as mesmas situações, os mesmo conflitos e semelhante sentimento. Ainda para profissionais da área da saúde e o campo científico como um todo.

É notável que cada membro da família possui papéis e funções hierarquicamente distintos e assim realmente deve ser, pois essa diferenciação é grande parte do que faz uma família funcionar ordenadamente. Não há, portanto, equidade de gênero ou função se pensarmos a mulher e o homem exercendo papéis semelhantes, pois cada um possui habilidade, força, essência diferenciada que servem para aplacar uma necessidade diferente dentro do mesmo contexto.

Logo, homem e mulher não são iguais, eles se complementam simultaneamente, sendo absolutamente saudável que cada um exerça de modo dedicado e comprometido seu papel único e indispensável na família, visando preservar e constituir habilmente cada novo membro, que como um ser reconhecidamente biopsicossocial, necessita receber por base, valores tais como

moral, respeito, fé e aprendizado em equilíbrio para que possam corresponder integralmente a si mesmos e também à sociedade do qual participam.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. **História da vida privada 3: Da Renascença aos séculos das luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BERTALANFFY, Ludwing von; et al. Teoria geral dos sistemas: Aplicação à psicologia. Rio de Janeiro: FGV, 1976. In: MOTTA, M. D. C. **Teoria sistêmica e família, pontos e contraponto: XV Jornadas de Investigación y Cuarto Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur**. Facultad de Psicología. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2008.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar** (M. A. V. Veronese, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. (Trabalho original publicado em 1989).

COSTA, E.S.; PINON, G.M.B.; COSTA, T.S.; SANTOS, R.C.D.A.; NÓBREGA, A.R.; SOUSA, L.B.D. Alterações fisiológicas na percepção de mulheres durante a gestação. **Rev. Rene**, Fortaleza, v.11, n.2, p.86-93, 2010.

COSTA, G. P. **Conflitos da vida real**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

DIAS ROSA, C. O Papel do Pai no Processo de Amadurecimento em Winnicott. **Natureza Humana**, v.11, n.2, p. 55-96, jul./dez. 2009. Disponível em: v11n2a03.pdf (bvsalud.org). Acesso em: 14 jul. 2024.

DIAS ROSA, C. **As Falhas Paternas em Winnicott**. Dissertação de Doutorado. Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2011.

GOMES, Irene Celina. **O sintoma da criança e a dinâmica do casal**. São Paulo: Escuta, 1988.

HENDRICK, Susan S. A generic mea-sure of relationship satisfation. **Journal of Marriage and the family**, n50, p.93-98, 1981.

JANSEN, M. D. C. C. **Saúde mental e estrutura familiar: o lugar do sofrimento psíquico grave**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura). Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2007.

MALDONADO, Maria Tereza P. **Psicologia da Gravidez: Parto e Puerpério**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1991.

MILANEZ, C. M. *et al.* O funcionamento familiar na saúde emocional e psicológica de crianças e adolescentes. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v.13, n.47, p.1-16, 2019. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/download/1905/3117.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2023.

MINUCHIN, Patricia; COLAPINTO, Jorge; MINUCHIN, Salvador. **Trabalhando com famílias pobres**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias: funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MIOTO, Regina Célia Tamaso. Família e Saúde Mental: Contribuições para reflexão sobre processos familiares. **Katálysis**, Florianópolis, n. 2, p.20-26, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/5573/4974>. Acesso em: 26 maio 2023.

MOTTA, Maria do Carmo. **Teoria sistêmica e família, pontos e contraponto: XV Jornadas de Investigación y Cuarto Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur**. Facultad de Psicología. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2008.

NEDER, Mathilde; QUAYLE, Julieta M. de B. R. O luto pelo filho idealizado. *In*: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; (org.) **Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal**. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e pós-graduação em psicologia, 1996. Coletânea da ANPEPP n1, p.37-46

PARSONS, Talcott. **O Sistema Social**. Glencoe, IL: Free Press, 1951.

PICCININI Cesar Augusto, GOMES Aline Grill, NARDI Tatiana, LOPES Rita Sobreira. **Gestação e a Constituição da Maternidade**. Maringá: Psicologia em Estudo, 2008. Disponível em: [Gestação e a Constituição da Maternidade.pdf](#). Acesso em: 13 abr. 2023.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

SEAR, D. O.; PEPLAU, L. A.; FREEDMAN, J. L.; TAYLOR, S. E. **Social Psychology**. New Jersey: Prentice Hall, 1988.

WINNICOTT, Donald Woods. **A Família e o Desenvolvimento Individual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

WINNICOTT, D. W. **Tudo Começa em Casa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

APÊNDICE I

INDICAÇÃO DE LEITURA RELACIONADA AO ASSUNTO

Elizabeth Marquardt (2005) uma pesquisadora que em narrativa sobre sua própria experiência e de muitos outros pesquisados, ela, denominada filha do divórcio, em sua obra “Between Two Worlds: The Inner Lives of Children of Divorce” – “Entre Dois Mundos: A Vida Interior dos Filhos do Divórcio”, se põe determinada a descobrir a verdade sobre o divórcio e seus efeitos, vindo apresentar fortes argumentos contra a cultura do divórcio casual. Para isso, conduziu um estudo sobre o tema, entrevistando 1.500 jovens adultos de famílias divorciadas. Realizou esta pesquisa entre os anos de 2001 a 2003 e relatou que a dura verdade é que, embora o divórcio seja por vezes necessário, mesmo os divórcios amigáveis, semeiam conflitos internos duradouros na vida das crianças, perdurando à vida adulta.

Marquardt, (2005) aponta que quando uma família é dividida em duas, os filhos que se mantêm em contato com ambos os pais são forçados a viajar entre dois mundos, tentando sozinhos reconciliar as crenças, valores e modo de vida, até então desconhecida e muitas vezes surpreendentemente diferente entre ambos os pais. Vai pontuar que jovens adultos que cresceram frente à explosão do divórcio das décadas de 1970 e 1980 ainda lidam com duras feridas das quais jamais poderiam falar com seus pais e indaga: realmente existe um “bom divórcio” para quem é forçado a viver entre dois mundos diferentes do seu?

REFERÊNCIA

MARQUARDT, Elizabeth. **Between Two Worlds: The Inner Lives of Children of Divorce**, 2005.

APÊNDICE II

AGRADECIMENTOS

Agradecimento especial ao município de Sertaneja-PR cujo Projeto de Pesquisa foi integralmente realizado, aos gestores do município e também às igrejas e líderes que acreditaram neste projeto e se mobilizaram, principalmente a todos os casais que mesmo passando por um momento tão delicado de suas vidas decidiram dedicar tempo (já tão escasso) à pesquisa confiando na seriedade do nosso trabalho. À M.^a Supervisora/Orientadora e Psicóloga, Déborah Azenha, que desde o princípio acreditou em mim e no potencial deste projeto dedicando-se com toda sua experiência e também à minha família que com tanta dedicação foi suporte e amparo em todos os momentos, possibilitando o cumprimento desse árduo desafio. Finalizo agradecendo e honrando a YHWH sem O qual jamais teria conseguido iniciar e concluir o que agora lhes apresento.